

Paredão K2

4º V E2 D1, 145 metros

Localização: Corcovado, Face Leste, Rio de Janeiro - RJ

Conquistadores: Etzel Ritter von Stockert; José Roberto Costa, o 'Doca' e Roberto Fischer 'Alemão', em 1962

Vias clássicas do CERJ

Dezembro de 2024

O Paredão K2 é a via clássica do Corcovado e uma das vias mais procuradas por escaladores brasileiros e estrangeiros, pois termina exatamente aos pés do Cristo Redentor e proporciona um dos melhores visuais da cidade.

Tanto a via quanto seu nome têm uma história interessante. Todos os conquistadores da via, além do K2, participaram da conquista de outras linhas clássicas do CERJ, como a AGULHINHA BONATTI, a CHAMINÉ IDALÍCIO e a FACE SUL DO DEDO DE DEUS (Etzel); o DIEDRO SAINT-EXUPÉRY e o PAREDÃO PARAGUAIO (José Roberto); a VARIANTE K3 (Roberto Fischer). Originalmente, porém, não eram membros do clube. Segundo Reynaldo Pires Ferreira:

...o Etzel andava pelo CEB... andava aí pelos clubes, pelo Carioca também. Ele tinha uns 16 ou 17 anos, nessa época em que fez o K2. Então, essa turma que conquistou o K2, eu acho que não era do CERJ. E, por alguma razão, o K2 ficou aos cuidados do CERJ e tá em boas mãos, claro. Aliás, essa turma, pelo que me lembro, se dizia GRUPO K2. Daí fizeram uma via e deram o nome de K2 por duas razões: porque eram do GRUPO K2 e em homenagem à montanha K2.

Essa montanha homenageada, obviamente, é o monte K2, a segunda maior montanha do mundo, com 8.614m de altitude e que fora conquistada por uma equipe de italianos oito anos antes dessa conquista no Corcovado. Sendo uma ascensão tão recente, não é de se estranhar essa presença no imaginário dos jovens da época. Segundo Carlos Carrozzino, esse GRUPO K2, do qual Etzel fazia parte:

...era um grupinho, eles estavam fundando um clubezinho, como o Salomyth tinha o GRUPO DE ALTA MONTANHA, o GAM. Ninguém pagava nada... [então] era um grupo que não tinha como manter uma via. Como no final o Etzel ficou no CERJ, sobrou para o CERJ [os cuidados para com o Paredão K2].



Foto: Waldir Júnior

Waldir Junior e Thiago Gabriel aos pés do Cristo Redentor após uma cordada no Paredão K2, que termina exatamente no cartão postal mais emblemático da cidade.

Os demais membros do CLUBE EXCURSISTA K2, como era oficialmente chamado, também mantinham boas relações com o CERJ [Veja o quadro HISTÓRICO DA CONQUISTA DO PAREDÃO K2].

Em novembro de 2024, o CERJ realizou uma pequena manutenção da via, instalando uma dupla nova na sua base, a fim de proteger a pequena árvore que por ali nasceu e que tem sido usada como ancoragem natural, além de garantir a segurança do participante, visto que o platô de terra está bastante erodido. Foi instalada, ainda, uma parada dupla ao final da via, por motivo semelhante. Fez-se, também, a troca da chapeleta constante da P2, que estava

corroída; e a instalação de uma chapeleta antes do LANCE DO PALAVRÃO, que tinha um grampo danificado.

POR QUE É UMA CLÁSSICA?

O Paredão K2 é outra via unânime na comunidade de escaladores, figurando como uma das 50 VIAS CLÁSSICAS NO BRASIL, no livro de Flávio e Cíntia Daflon. A via desenha uma bela linha no Corcovado e termina aos pés do Cristo Redentor, um dos pontos turísticos mais famosos do planeta. Além disso, sua base já é alta, proporcionando uma vista espetacular da cidade.

Mais do que o lado estético, porém, o K2 é uma via que exige grande diversidade técnica do escalador: oposição, aderência, agarras, lances horizontais e diagonais, enfim, uma verdadeira aula sobre tipos de escalada. Além disso, seu grau de dificuldade baixo, mas com lances desafiadores, atrai escaladores o ano todo buscando apreciar essa lindíssima escalada. É, portanto, uma verdadeira clássica do CERJ, conquista que se destaca em uma época de grandiosas vias do clube.

DESCRIÇÃO

A PRIMEIRA ENFIADA começa em um diedro, fazendo-se necessário o uso de técnicas de oposição e um bom



Etzel von Stockert (à direita, com a mão na cintura), um dos conquistadores do Paredão K2, posa no cume da Agulha do Diabo com vários colegas do CEPI. Foto tirada na década de 1960, mesma época da conquista do K2.

trabalho de pés, sobretudo ao final desse diedro, no lance conhecido como DEZ MAIS, certamente o *crux* da via, em que a parede fica mais lisa e técnica. Uma boa técnica de aderência se faz necessária nesse trecho. Fique atento: o primeiro grampo é alto, então uma queda não é permissível. A primeira parada fica em um bom e confortável friso.

A SEGUNDA ENFIADA começa em uma horizontal para a esquerda. O lance pode assustar alguns, pois é bastante aéreo, apesar de tecnicamente não ser difícil. A via então continua em linha reta para cima, em agarras pequenas e aderência, chegando então ao famoso lance do CRUCIFIXO, um segundo *crux* da linha: o escalador precisa subir uma espécie de canaleta larga, que leva a um bloco de pedra, usando os pés em tesoura e ganhando agarras de mão em ambos os lados da canaleta. Passado esse lance, a parada está em um ótimo platô acima de um bloco. Essa enfiada pode ser quase completamente evitada fazendo-se a VARIANTE K3 (VIsup, 20 metros), conquistada por Roberto Fischer e Waldemar Guimarães, o Waldo, em 1965. Para fazê-la basta seguir pelo diedro, mas o trecho não é grampeado, sendo protegido todo em móvel [Veja o quadro A VARIANTE K3].

A TERCEIRA ENFIADA começa em um lance mais fácil que os anteriores. Seguindo pelo diedro logo acima da parada e então saindo em diagonal para a direita, ela leva até um grande platô de terra, coberto de vegetação, onde fica uma parada dupla. Alguns param nela, mas pode-se subir o terceiro *crux* da via, o

EXPEDIENTE

CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO (Biênio 2024-2026)

Presidência: Marcelo Gerson Pessoa de Matos

Vice-Presidência: Miriam Gerber

Secretaria: Anabel Ferreira Vaz e Renata Aguiar

Tesouraria: Mônica Esteves e Carlos Mattos

Diretoria Social: Sandra Maria Rebelo de Almeida e Alexandre Chevitarese

Diretoria Técnica (DT): Carla de Oliveira Romão

Auxiliares da DT: Thiago Gabriel de Araujo

Diretoria de Comunicação: Alexandre Gomes da Costa e Yvie Carolinne Medeiros Barcellos

Diretoria de Ecologia: José Henrique Menescal Fabrício, Bruno Waldman e Roberto Schmidt de Almeida

PROJETO VIAS CLÁSSICAS DO CERJ

Texto: Igor Costa

Croqui: Thaili Conte

Revisão do croqui e sugestão de colocação de peças móveis: Júlio Mello

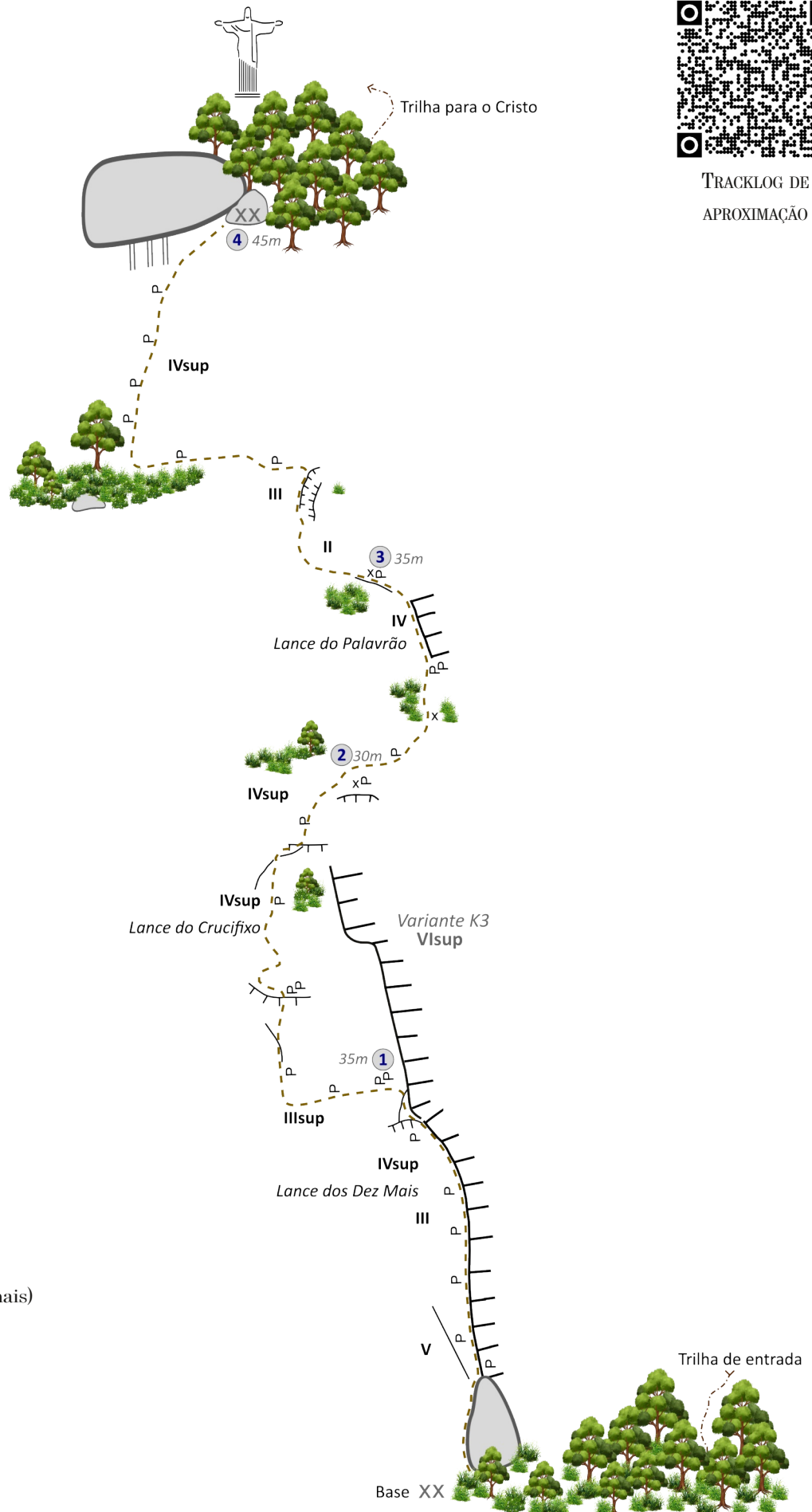
Agradecimentos: Waldecy Lucena, Reynado Pires Ferreira, Carlos Carrozzino, Jana Menezes, Thiago Gabriel de Araujo, Waldir Junior, Júlio Mello, Lívia Cardoso, Solange Conde, Miriam Gerber, Caiê Visintini, José Roberto Costa 'Doca', Fernando Fajardo 'Velho', Pedro Bugim e José Bezerra Garrido

Paredão K2 - 4º V E2 D1, 145 metros

Corcovado, Face Leste, Rio de Janeiro – RJ



TRACKLOG DE
APROXIMAÇÃO



Conquistadores:

Etzel Ritter von Stockert;
José Roberto Costa, o 'Doca';
e Roberto Fischer 'Alemão'
1962

Equipamentos:

Corda de 60 metros
8 costuras (4 longas)

Camalots do .2 ao 3.0 (opcionais)
Stoppers médios (opcionais)

Legenda:

- x Chapeleta rapelável PinGo
- X Chapeleta rapelável DuPla
- P Grampo P

O LANCE DO PALAVRÃO

Foto: Solange Conde



Caiê Visintini no Lance do Palavrão, trecho famoso por lesionar escaladores incautos do K2.

Segundo nos conta Carlos Carrozzino, veterano do CERJ, naquela época, o início dos anos 1960, as pessoas não falavam palavrão perto de nenhuma mulher. Os homens podiam até falar muitos pa-

lavrões entre eles, mas quando chegava uma garota ou quando se estava no meio delas, ninguém falava palavrão. Era uma coisa automática.

Certo dia, um guia do CEB, Henri Occhioni, estava com uma turma no K2, uma turma mista, e quando ele foi fazer um lance de escalada, caiu e torceu um pouco o pé. Aí falou um palavrão. Daí todo mundo: "Oh não! Pô... Quê isso, cara?" Alertaram. "Quê isso nada! Tá doendo pra..." Aí piorou o negócio. Em vez de ficar só em um palavrão, ele falou uns dez. Foi assim que surgiu o nome LANCE DO PALAVRÃO.

Essa narrativa traz, também, um alerta: não negligencie a proteção nesse trecho, pois vários acidentes já ocorreram nessa passagem, alguns com consequências mais sérias para o escalador, como fraturas e entorses. O ideal, portanto, é realizar a proteção com peças móveis a fim de evitar uma queda até o chão.

O site da COMPANHIA DA ESCALADA [QRCode ao lado] faz uma discussão detalhada sobre as possibilidades de colocação nesse trecho.



famoso lance do PALAVRÃO: um curto diedro, mas que exige atenção, pois uma queda de platô pode ocorrer nessa passagem [Veja o quadro O LANCE DO PALAVRÃO]. Logo acima desse diedro está a terceira parada, composta de um grampo P e de uma chapeleta PinGo.

A ÚLTIMA ENFIADA começa, também, de maneira fácil, seguindo à esquerda e entrando em um bonito lance ao lado de uma grande laca. Ao final dessa laca, deve-se fazer uma horizontal para a esquerda em direção a um platô com vegetação, na base de uma parede de agarras embaixo das contenções de concreto. Essa parede é curta, mas as agarras são pequenas, a inclinação é grande e o primeiro grampo é alto. Guie com atenção e tente evitar os respingos de concreto, que tendem a ser mais ásperos do que a pedra e podem machucar as mãos. A via termina em uma parada dupla adicionada pelo CERJ em 2024, evitando-se a parada em árvore que ocorria até então.

Após o término da via, os escaladores devem seguir a trilha até a estátua do Cristo Redentor, onde precisam pular a mureta e descer normalmente até a



Acervo pessoal de Jana Menezes

Jana Menezes no lance dos Dez Mais, o crux da via, no final da primeira enfiada do Paredão K2.



Miriam 'Bamo Bamo' Gerber no lance de horizontal da segunda enfiada do K2, trecho aéreo e de passadas técnicas em aderência.

Estrada das Paineiras. Devido às longas horizontais, não é recomendado fazer rapel pela via, já que este seria muito trabalhoso.

APROXIMAÇÃO

O primeiro passo para se acessar a trilha de aproximação ao K2 é chegar ao CENTRO DE VISITANTES DAS PAINEIRAS. Há várias opções para se chegar lá, sendo uma das mais comuns a van que sai do Largo do Machado. Estando lá, suba pela ESTRADA DO CORCOVADO até a primeira curva acentuada, o que leva cerca de 10 a 15 minutos de caminhada. Exatamente no meio da curva, à esquerda de quem sobe, existe a entrada de um trilha, pulando-se uma pequena mureta. Normalmente há riscado na mureta: "K2". O *tracklog* junto ao croqui começa nesse ponto.

A partir daí, a trilha segue sempre ao lado do paredão rochoso à direita, que já é a parede do Corcovado. Siga por ela por cerca de 10 minutos até encontrar uma grande pedra, quase como uma mesa. Nesse ponto há uma bifurcação, a trilha à esquerda desce para o Humaitá e Jardim Botânico. Para o K2, desça na trilha à direita. Tenha cuidado, pois o trecho já é exposto. Após alguns poucos metros, está-se na base do Paredão K2.

A VARIANTE K3

Conquistada pelo CERJ em 1965, dessa vez por Roberto Fischer e Waldemar 'Valdo' Guimarães, como um artificial móvel, a Variante K3 – ou Paredão K3, como era chamado na época – é uma pequena linha de diedro, com cerca de 20 metros apenas, que começa na P1 do K2 e termina logo abaixo do lance do crucifixo.

Feito em livre, o trecho é cotado em VI^{sup}, demandando do escalador domínio da técnica de oposição, visto que a parede é bastante lisa e vertical. É importante, também, ter um bom condicionamento físico, pois o trecho é exigente para os antebraços, dada a baixa aderência para os pés.

Há diversas possibilidades de proteção para o trecho. O guia do CERJ Júlio Mello (foto) sugere aquela que está representada na imagem ao lado, de outubro de 2024. A última peça, o Camalot #4, que não aparece na imagem, é colocada após a virada para a outra face do diedro. O *crux* do K3 é o lance imediatamente antes do Camalot #5, valendo, portanto, a proteção com duas peças no trecho anterior.



Legenda:
BD: Camalot Black Diamond

Júlio Mello colocando a última peça no K3 e sua sugestão de colocações para o diedro que compõe uma variante da segunda enfiada do K2.

Acervo pessoal de Waldecy Lucena



Zé Roberto nos anos 1960, descansando durante a conquista do Diedro Saint-Exupéry, ao lado do K2.

Na década de 60, foi fundado o CLUBE EXCURSIONISTA K2. Ele ficava situado na Rua Barão do Flamengo, no bairro do Flamengo – RJ e era formado por moradores que, aos fins de semana, realizavam excursões, tais como à Floresta da Tijuca, Pedra Bonita, Pedra da Gávea e outras caminhadas.

Em função destas excursões, foram realizados contatos com outros clubes, principalmente com o CLUBE EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO, onde eu e Roberto Fischer tivemos oportunidade de apri-

morar e tomar conhecimento de novas técnicas de escalada.

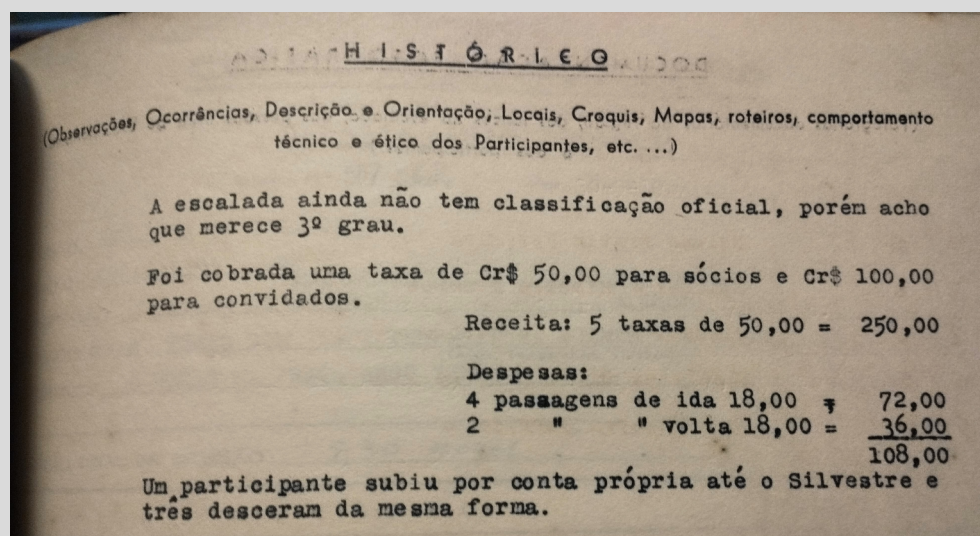
Em 1962, em uma excursão ao Corcovado, tivemos a oportunidade de vislumbrar o paredão e de verificar uma possível escalada. Desta forma, teve início a conquista do paredão, que era realizada durante os fins de semana. Por diversas vezes, de sábado para domingo, ficávamos acampados ao lado dos trilhos do bondinho. Na época, eu e o Fischer estudávamos e trabalhávamos e só tínhamos disponível o fim de semana.

Foi uma conquista que levou vários meses, pois tínhamos muitas dificuldades, devido à escassez de material propício à escalada (corda, mosquetão, pítons, grampos, cunhas e etc.), que na época eram importados.

Um exemplo curioso: o meu calçado era ALPARGATAS RODA, com sola de corda, muito diferente dos tênis para escalada utilizados hoje em dia.

Após a conquista, voltamos diversas vezes, liderando várias cordadas com inúmeros escaladores, principalmente do CLUBE EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO, pois as dificuldades e a variância das técnicas tornaram a escalada muito atrativa.

São Paulo, 12 de novembro de 2024



Relatório de uma das primeiras excursões do CERJ ao Paredão K2, em 30 de setembro de 1962, antes mesmo de a via ter uma graduação definitiva. Nessa cordada estavam: Nelson Bravin Ferreira, Guilherme Ribeiro Menezes, Claudio Vieira de Castro, Sionil da Silva Ribeiro e José Bezerra Garrido.

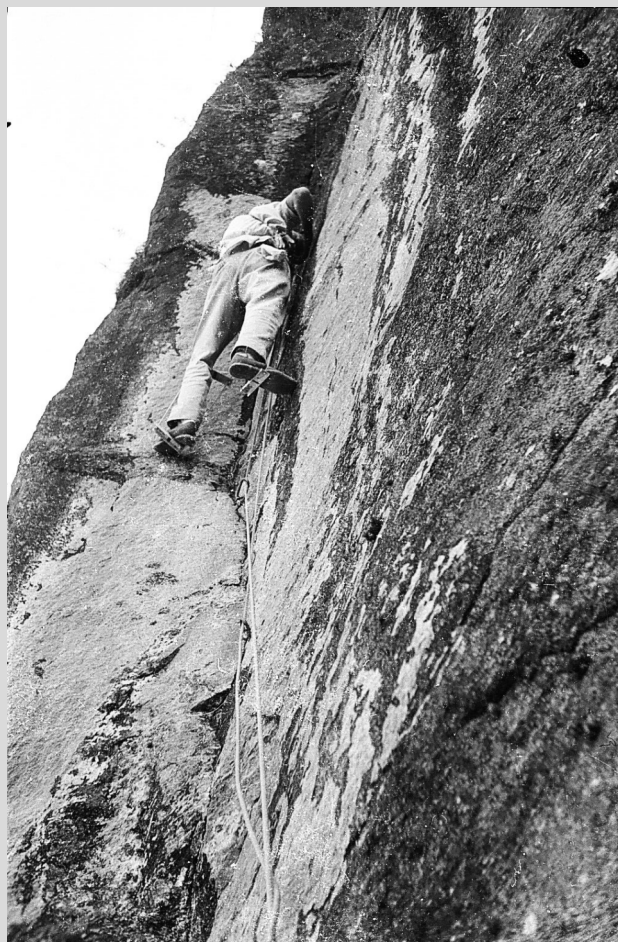
O Diedro Saint-Exupéry é uma via paralela ao K2, poucos metros à sua esquerda, que percorre um impressionante sistema de diedros e que foi conquistada em 1965 por Waldemar 'Valdo' Guimarães; José Bezerra Garrido; e José Roberto Costa (foto), sendo considerada uma das vias mais difíceis conquistadas pelo CERJ à época. De acordo com o Garrido:

A conquista da via Saint-Éxupery foi uma ideia do Valdo. Ele, quando estava escalando o K2, viu a possibilidade de uma nova conquista, já que o Diedro Saint-Éxupery é paralelo a essa. A via, então, foi conquistada em artificial, com uso de píttons e grampos fixos, tendo o diedro sido dominado pelo Valdo e por mim com certa facilidade. A participação de Zé Roberto Costa também foi profícua, apesar de menor. Com isso, em umas três investidas, a via tinha sido conquistada, já que era preciso realizar a colocação dos grampos. Seu nome foi dado pelo Valdo, por admirar bastante esse escritor francês. Vale salientar que a via OITAVO PASSAGEIRO (8º VIIIb E2, 285 metros), em sua parte final, passa pelo Diedro, como que "incorporado" a ele.

O dito escritor é Antoine de Saint-Exupéry, autor de obras literárias muito admiradas, como O AVIADOR (1926), VOO NOTURNO (1931) e o famoso O PEQUENO PRÍNCIPE (1943), dentre outras.

Até hoje a via é considerada bastante difícil, de modo que apenas escaladores experientes se aventuram por ela. Primeiro, porque o acesso à sua base é complexo, visto que o escalador deve rapelar a partir do primeiro grampo do K2 e então escalar um trecho em horizontal, protegido por alguns grampos, até a base do primeiro diedro. Segundo Pedro Bugim, que a escalou em 2008:

O problema da Saint-Exupéry é o comprometimento. Para acessar a base, faz-se um rapel em diagonal para a esquerda, desde a base da K2. Depois que puxar a corda, só sai por cima (ou vai ter que dar um jeito de rapelar a montanha inteira pela OITAVO PASSAGEIRO, assumindo-se que você vai conseguir chegar nela).



Acervo pessoal de José Roberto Costa

Doca conquistando o Diedro Saint-Exupéry, ao lado do K2. Repare no uso dos estribos e das famosas Alpargatas Roda.

Outra possibilidade é deixar uma corda fixa para um possível retorno, assumindo-se os riscos que isso implicaria, como voltar para buscá-la.

Além do acesso à base, o Saint-Exupéry também exige o domínio de escalada em artificial móvel e, preferencialmente, a perícia em bater píttons, visto que há trechos em que a colocação de peças móveis mais corriqueiras e modernas é precária.

Júlio Mello, que fez uma manutenção da via em 2006, junto a Arthur Estevez, usando, inclusive, os píttons originais da conquista, emprestados pelo Garrido, diz que a via é "*Muito maneira, porém mais complexa do que aparenta ser.*" Ao que é complementado por Pedro Bugim: "*Via linda, mas dura.*"

Para os que pretendem escalá-la, portanto, preparem-se para um dia inteiro de trabalho, batendo e arrancando píttons, ao estilo dos pioneiros do montanhismo dos anos 1960.